

## **O patrimônio industrial no Reino Unido: contexto, paisagem, territórios**

*Simon Edelblutte<sup>1</sup>*

**Resumo:** Esse artigo apresenta em um primeiro momento a evolução da noção de patrimônio industrial no Reino Unido, país de nascimento da indústria, colocando-a em um contexto europeu e mundial. Utilizando a análise de paisagem, estuda-se em seguida os diferentes tipos de preservação patrimonial: integral no interior dos museus ou mesmo parques temáticos, indireta quando o sítio industrial é preservado mas reutilizado para outras funções (residência, comércio, etc...). Finalmente se aborda a expansão recente da noção e territórios do patrimônio industrial que incluem hoje, para além da fábrica, a paisagem industrial em seu conjunto tal qual havia sido criada pela atividade industrial em seu apogeu.

Palavras-chave: patrimônio, indústria, Reino Unido.

**Abstract:** In the first part of this paper, the evolution of the concept of industrial heritage in the UK, country of birth of the industry, is presented in a European and global context. Using landscape analysis, the different types of heritage preservation are then studied: integral preservation with museums and even theme parks, or indirect preservation when the preserved industrial site is reused for other purposes (commercial, residential...). Finally, the recent enlargement of the concept and territories of industrial heritage is discussed. Nowadays, industrial heritage indeed, far beyond the single plant, the whole landscape created by the industry at its peak.

Keywords: Heritage, Industry, United Kingdom

### **Introdução**

A recomposição dos territórios, sua reconversão e, em particular, a renovação urbana são as noções amplamente desenvolvidas há mais de vinte anos, especialmente em geografia urbana (Chaline, 1999; Burgel, 2001; Veschambre, 2005). Nesse movimento, a importância atribuída ao patrimônio é crescente. De fato, negligenciado nos anos de renovação urbana brutal (1950 a 1970), o movimento se impôs rapidamente nos centros urbanos de modo a tornar evidente que os elementos do passado, além de seu interesse intrínseco, são também elementos essenciais da

---

<sup>1</sup>Departamento de Geografia, Centro de Estudos e Pesquisa sobre as Paisagens (CERPA), Universidade Nancy, França.

identidade dos habitantes de um lugar e, como tal, não podem mais ser brutalmente descartados.

Esta noção de patrimônio, primeiramente restrita a “*bens que passam , seguindo a lei, dos pais e mães a seus filhos*” (Choay, Merlin, 2005), foi pouco a pouco aumentada para se tornar “*um conjunto de representações, de atributos fixados sobre um objeto não contemporâneo (obra, prédio, paisagem, sítio...)* cuja importância intrínseca é, então, decretada coletivamente, bem como a exigência de sua conservação” (Lévy, Lussauld, 2004). É essa ampliação da noção de patrimônio, do objeto no local e até a paisagem e ao território, objetos eminentemente geográficos, que abriu espaço ao trabalho do geógrafo. Ao lado de arqueólogos, historiadores, sociólogos, etc., ele pode, assim, integrar a noção de patrimônio no estudo dos territórios e de sua recomposição. Os objetos industriais, os prédios e também os lugares e as paisagens entram nessa definição de patrimônio na condição de que se reconheça um interesse particular para a sociedade, o que é verificado há pouco no caso da indústria. De fato, neste domínio, o sentimento das populações é frequentemente negativo e a noção de patrimônio se impôs mais tardiamente do que em outros domínios (Edelblutte, 2009).

Nessa percepção, relativamente tardia da noção de patrimônio industrial na reconversão, o Reino Unido ocupa um lugar a parte. Primeiro país onde se desenvolveu a Revolução Industrial, desde o século XVIII, é também o primeiro que teve de assistir, a partir da segunda Revolução Industrial no fim do século XX, ao declínio da antiga indústria. As primeiras ações de reconversão sérias não datam, no entanto, de antes do período Entre Guerras, o que é considerado tardio em relação aos outros países industrializados da época. Nesse movimento, as preocupações patrimoniais dizem respeito à indústria e se elas parecem tardias comparativamente às que dizem respeito a outro tipo de patrimônio (protegidos desde o fim do século XIX como certos prédios ou monumentos de destaque), são, no entanto, particularmente precoces em relação aos outros países de tradição industrial<sup>2</sup> (Cartier, 2003). Falconer (2006) explica, no entanto, que fazer desse país o único pioneiro do movimento de proteção do patrimônio industrial seria simplificador.

Se após cinquenta anos de existência, os estudos e trabalhos que retraçam o histórico, a vida, o desenvolvimento do movimento (Palmer Neaverson, 1998: Falconer,

---

<sup>2</sup> Usa-se aqui “País de Tradição Industrial” (PTI) em lugar de “País Antigamente Industrial” ou “Pós-industrial”, expressões que implicam um desaparecimento da indústria, tanto em sua forma ativa quanto em sua forma patrimonial. A expressão pode ser utilizada em maior escala de acordo com as regiões (RTI).

2006), e mesmo as interrogações sobre seu futuro (Cossons-ed, 2000; Casella, Symonds-eds, 2005) se multiplicam, os trabalhos em francês são frequentemente mais antigos, mais raros, mais gerais ou mais ilustrativos (Daumas, 1980; Andrieux, 1992; Belhoste, Smith, 1997; De Roux, 2000) e, sobretudo, nas duas línguas a abordagem geográfica pelas paisagens e pelos territórios é raramente central. Assim, as paisagens e territórios britânicos são os testemunhos da precocidade da consideração pelo patrimônio industrial, pela intensidade das reconversões patrimoniais, sua variedade e seu número, mesmo se a massa inicial dos espaços a serem tratados ainda deixe muitos sítios abandonados (Deshaies, 2007). A precocidade é também percebida no aumento espacial e temático muito forte no Reino Unido, da noção de patrimônio industrial, que se aplica hoje a vastos territórios. Ela lhe dá assim um lugar à parte neste domínio, mesmo se o reencontrarmos, especialmente na dualidade do tratamento dos lugares, de constantes aplicáveis a outros patrimônios.

Após ter retracado o desenvolvimento da noção de patrimônio industrial em um contexto internacional, este trabalho se preocupa em mostrar as diferentes facetas e a especificidade da consideração desse patrimônio na reconversão no Reino Unido o que será desenvolvido em particular em torno de alguns exemplos representativos e/ou emblemáticos.

### **A evolução da noção de patrimônio industrial no mundo e no Reino Unido.**

A noção de patrimônio industrial deriva da noção de arqueologia industrial, desenvolvida no Reino Unido desde os anos 1950. Estas duas noções são recentes e não se impuseram da mesma maneira em toda Europa e no mundo.

#### **A- Um conceito jovem**

O patrimônio industrial é um dos últimos tipos reconhecidos, bem depois de patrimônios religiosos, civis, militares, naturais, etc. Esse atraso no estudo, na proteção e na valorização da indústria passada não aconteceu somente em razão da relativa juventude do objeto em questão, pois certos lugares remontam ao século XVIII, ou ainda mais quando se trata de protoindústria<sup>3</sup>. Ele está, de fato, essencialmente ligado

---

<sup>3</sup> Este termo designa formas de trabalho pré-industriais concentrando várias centenas de operários (manufaturas reais na França), mas sem mecanização, ou mesmo de forma levemente mecanizadas mas ainda bastante artesanal e com forças de trabalho frágeis (moinhos, tecelões em domicílio). A protoindústria ganha lugar antes da primeira revolução industrial, começando no século XVIII, no Reino Unido.

à percepção negativa, aliás, bastante recente, que a opinião pública possui da indústria. De fato, no apogeu industrial do século XIX e começo do século XX, a indústria se beneficiava de uma imagem bastante positiva já que ela representava o progresso e a modernidade. Cartões postais e cabeçalhos glorificados no correio das empresas celebravam então a usina como o farol de um mundo novo. A percepção negativa começa em meados do século XX e resulta primeiramente da poluição e após, com a crise, do meio ambiente, dos lugares abandonados (pode-se encontrar algum romantismo nas ruínas de um castelo medieval, mais raramente em um forno enferrujado). No primeiro caso, o fechamento e o desaparecimento da usina, ao provocarem melhorias no ambiente e no quadro de vida, são vistos por certos moradores, evidentemente não os assalariados da usina em questão, como fatos positivos. Além dessas percepções, a vontade de não conservar o patrimônio industrial provém também da prática política da usina. No momento do declínio, após o fechamento, as lutas e os conflitos opondo patrões conservadores e sindicatos de esquerda frequentemente impulsionaram tanto uns quanto outros a preferir destruir o lugar após o fechamento: a direção, como a municipalidade e muitos habitantes, em uma fase de luto bem compreensível, decidem ou ao menos impulsionam a destruição da usina, símbolo de um passado que não existe mais e do fracasso econômico. Essa rejeição acompanha a forte vontade das autoridades locais de livrar o território de uma imagem cinza e industrial, que acaba por repelir os investidores estrangeiros. A destruição desse antigo tecido industrial e mesmo a negação da sua história, parece então a passagem obrigatória em direção a um renascimento do território.

Esta fase de luto é mais ou menos longa em função da rapidez da retomada econômica, mas se caracteriza sempre por um tipo de negação do passado industrial. Ela é bastante percebida em todos os territórios industriais e em particular nas cidades industriais<sup>4</sup>, nascidas da indústria. É preciso esperar o fim dessa fase de luto para aceitar descobrir o passado industrial e considerar a preservação de um patrimônio industrial pouco a pouco percebido de maneira mais positiva, entretanto, enferrujado, estragado e mesmo vandalizado. Enfim, essa crescente percepção positiva liga-se também ao desaparecimento rápido da indústria fordista e do número dos seus prédios. Essa rarefação os deixa mais interessantes aos olhos da população. De maneira geral, a preservação do passado, de um patrimônio herdado das gerações precedentes é também, no contexto da mundialização, um reflexo identitário de proteção frente a

---

<sup>4</sup> A cidade-fábrica nasceu da indústria, sendo total ou quase totalmente criada pelo setor industrial ao redor da mina ou da usina. Ela pode ser distinta da cidade-fábrica pois essa seria já existente mas acolhendo fábricas (EDELBLUTTE, 2008, 2009).

uma uniformidade crescente. Assim, em um bairro industrial, em uma cidade-usina, em um vale ou em uma bacia industrial, a usina, mesmo fechada, faz parte desta identidade, sobretudo quando o território se construiu em torno dela. Sua proteção e a sua valorização tornam-se, então, importante.

Por outro lado, as sociedades ocidentais sabem hoje fazer frutificar essas heranças. Se a velha usina não atrai tanto quanto um castelo medieval ou uma ruína antiga, ela compõe, não obstante, uma oferta cultural e completa os traços de outras épocas.

Enfim, a conservação do patrimônio industrial entra perfeitamente no quadro do desenvolvimento sustentável, pois a recuperação de antigos prédios, ou antigos terrenos industriais, permite não estender a cidade às custas da agricultura e reduz os custos ligados a uma periurbanização sempre mais afastada dos centros.

### **B- No Reino Unido, uma proteção precoce do patrimônio industrial**

A imagem da indústria depende também do lugar que o trabalho ocupa e ocupou na sociedade. O trabalho é menos valorizado nos países católicos e latinos, do que em países protestantes, onde o sucesso profissional é sinal de benevolência divina (Leboutte, 1997). Isto pode explicar em parte a valorização da história industrial nos países da Reforma, como é o caso da proteção precoce observada no Reino Unido e em algumas partes da Alemanha e da Suécia. No Reino Unido, a indústria está associada ao apogeu econômico do país. Sua preservação permite então “*celebrar a prosperidade da Era Vitoriana onde, graças a seu avanço na industrialização, a Grã-Bretanha havia se tornado a potência mundial dominante*” (Andrieux, 1992). A preservação do patrimônio industrial começa, pois, no país onde nasceu a grande indústria. É também nesse país que as usinas são as primeiras a fechar, por vezes, a partir da segunda revolução industrial. Apesar da data oficial da definição da noção de “monumento industrial” pelo *Council for British Archeology* ser em 1959, existem exemplos de conservação desde o período Entre Guerras, especialmente através de recursos privados ou associativos (Andrieux, 1992; Falconer, 2006).

Como é frequentemente o caso do Reino Unido, o entusiasmo local antecede e depois acompanha as iniciativas regionais ou nacionais, como a pesquisa *The Industrial Monuments Survey*, feita em 1963, recenseamento essencial antes de se considerar alguma proteção. Assim, os primeiros trabalhos que diziam respeito ao patrimônio industrial são frequentemente estudos de casos realizados por múltiplas sociedades e associações locais. Estes trabalhos, em sua maioria, ligados a vestígios da primeira revolução industrial e mesmo da protoindústria, se realizam sob a forma de

escavações, liberando as ruínas de um prédio ou de um forno para manufatura de ferro do século XVIII, por exemplo. O termo consagrado à época é o da arqueologia industrial, utilizado pela primeira vez nos anos 1950 por M. Rix (Falconer, 2006: www.industrial-archeology.org.uk). Pouco tempo depois, K. Hudson, historiador na Universidade de Bath (Chassagne, 2002; Falconer, 2006), retoma a expressão e publica em 1963 uma obra de referência, *Industrial Archeology: an introduction*, funda uma revista, o *Journal of Industrial Archeology* em 1964 e em 1973 a *Association for Industrial Archeology* (AIA). Publicando desde 1976, a *Industrial Archeological Review*, a AIA reúne numerosas sociedades locais (60 em 2008) e permite centralizar um grande número de informações e de estudos antigos, ou recentes, sobre o assunto. Sua sede é em Ironbridge, local simbólico do patrimônio industrial mundial (cf. parte II).

As publicações e estudos mais gerais logo se multiplicam, por exemplo, as de Hudson (1971), Buchanan (1972), Cossons (1975) ou ainda Falconer (1980) ao lado de uma abundância de obras e de artigos temáticos ou regionais. Nos anos 1980, o movimento de inventário e de proteção se acelera em resposta às demolições aleatórias de prédios (Falconer, 2006) e em razão da criação da lei sobre o patrimônio nacional de 1980 (*National Heritage Act.*) da *English Heritage*<sup>5</sup> (EH) em 1984. Seu objetivo volta-se, desta vez, para o estudo e registro de sítios, cuja gestão é às vezes compartilhada com a *National Trust*<sup>6</sup>, e no aconselhamento ao governo em matéria de patrimônio. Ele é, por exemplo, o responsável pela gestão de Ironbridge, já mencionado.

A criação de EH se inscreve no *boom* patrimonial dos anos 1980, observado em seguida à lei de 1980. De fato, frente à crise da indústria fordista e às necessidades da reconversão, os governos Thatcher e Major colocaram o patrimônio no centro da sua política de desenvolvimento regional. Nas Regiões de Tradição Industrial (RTI), este patrimônio é, evidentemente, bastante ligado à indústria. A transformação, em forma de subvenções governamentais massivas, de minas em museus ou ainda de bairros

---

<sup>5</sup> *English Heritage* é específico da Inglaterra. Seus equivalentes são *Historic Scotland* na Escócia, *Cadw* no País de Gales e *Environment and Heritage Service* na Irlanda do Norte.

<sup>6</sup> *National Trust* é uma associação sem fins lucrativos, cuja criação em 1895 esteve inscrita como reação diante da urbanização e da industrialização crescente do Reino Unido. É então, primeiramente para a proteção do patrimônio rural e natural que ela se organiza, dominada pela nostalgia de uma Inglaterra verde em vias de desaparecimento. Apenas recentemente ela passou a integrar elementos urbanos e também prédios industriais. *National Trust* atua na Inglaterra, no País de Gales e na Irlanda do Norte. Na Escócia denomina-se *National Trust for Scotland*.

industriais inteiros em zonas comerciais-culturais<sup>7</sup>, teve frequentemente por objetivo primeiro assegurar rapidamente empregos e benefícios comerciais, sem nenhum respeito pelo passado e pela história industrial (Nenadic, 2002). Estas ações, muito criticadas nas décadas seguintes pela sua falta de visão histórico-global (especialmente no caso das minas) ou ainda por sua falsidade e seu lado desordenado, historicamente pouco verídico (grandes operações de renovação urbana), desencadearam uma separação entre profissionais do patrimônio e historiadores universitários. Os primeiros ficaram ligados aos objetos e aos prédios, que podem ser expostos ou visitados mais facilmente do que a história global de um sítio patrimonial e de seus atores. Esse debate reúne também o existente entre preservação e conservação (Cullingworth, Nadin 2006); a primeira implica a manutenção do estado original, a segunda aceita modificações e melhoramentos. Assim em função da precocidade do movimento e de seus vivos debates, a expressão “arqueologia industrial” torna-se mais utilizada no Reino Unido do que a expressão “patrimônio industrial” - amplamente utilizada no resto do mundo.

### **Difusão e evolução da noção**

A expressão “arqueologia industrial” é retomada nos Estados Unidos em 1972 com a fundação da *Society for Industrial Archeology*, e após no continente europeu na Flandre Belga (criação da *Vlaamse Vereniging vor Industriële Archeologie* em 1978) ou ainda na França com a publicação da obra fundadora de M. Daumas em 1980, “A arqueologia industrial na França”. Em 1979 é fundada a revista de mesmo nome, publicada pelo *Comité d’Information et de Liaison pour l’Archéologie* - Comitê de Informação e Liga em prol da Arqueologia, do estudo e da valorização do patrimônio industrial (CILAC) nascido no mesmo ano.

Durante os anos de 1980, os países latinos, como a Itália e a Espanha, conhecem também este movimento. Enfim, mais recentemente, os países da Europa Central e Oriental descobrem a noção de patrimônio industrial e sua integração recente na União Européia deveria favorecer o desenvolvimento dela. Aliás, já é bastante perceptível na Polônia e na República Tcheca, países que conheceram as revoluções industriais em porções nada negligenciáveis de seu território. A Polônia possui, assim, um sítio mineiro inscrito na lista do patrimônio mundial e a cidade de Łódź, “Manchester do Leste”, importante lugar da indústria têxtil do antigo Império

---

<sup>7</sup> O exemplo das Docas de Liverpool, transformadas rapidamente em um vasto centro comercial ao redor do *Tate Liverpool Museum* (museu de arte moderna e contemporânea, a antena do *Tate Modern* de Londres) é emblemática neste gênero.



Russo, preserva o patrimônio através da reconversão, do qual as usinas constituem o esqueleto.

Por outro lado, ainda mais a leste, especialmente na Rússia, a tarefa é imensa. Ainda que exista uma associação russa afiliada ao TICCIH (cf. III), a MPAS (*Moscow Architecture Preservation Society* – Associação de proteção da arquitetura de Moscow), seu objetivo é tematicamente amplo, ultrapassando de longe a preservação somente do patrimônio industrial, também é geograficamente reduzido, posto dizer respeito somente à região de Moscou.

Paralelamente, a expressão “arqueologia industrial” torna-se, desde os anos de 1980, insuficiente, pois é demasiado redutora diante do desenvolvimento da nova atividade. De fato, ela se estende rapidamente e muito além das escavações, dos estudos dos objetos e das técnicas, dos prédios industriais ainda de pé e de seus anexos, enfim, ela abrange territórios ainda mais vastos, abordados sob essa perspectiva patrimonial na terceira parte desde artigo. A expressão “patrimônio industrial” termina então por se impor mais ao final dos anos 1980, ao menos no continente, pois o Reino Unido, pelas razões já mencionadas, fica inicialmente fiel à expressão “arqueologia industrial”.

Após uma conscientização globalmente recente, mas onde o Reino Unido desempenha um papel precursor, a necessidade de proteger o patrimônio industrial é aceita hoje, mesmo se ainda não compreendida por todos, especialmente sob a pressão predial ou em tempos de crise. Esta proteção se traduz no território britânico pelas ações particularmente variadas e cada vez mais abrangentes.

## **II- O patrimônio industrial britânico: proteção integral e/ou indireta.**

A patrimonialização acompanha hoje, a maioria dos trâmites de reconversão, de maneira dupla, o que, aliás, não é uma especificidade britânica, ainda que marcante nesse país em razão justamente da precocidade da noção no domínio industrial. Esta dualidade é frequentemente ligada aos vivos debates mencionados acima entre *conservação e preservação*.

A primeira faceta desta dualidade é uma consideração **integral** do patrimônio industrial na reconversão. Ela é então efetuada com um fim pedagógico, conservando as características próprias do objeto, da usina e do lugar, bem como elaborando um testemunho edificador de uma época passada. A função do lugar, após ter sido industrial, torna-se, então, cultural e também turística.

A outra faceta é uma consideração **indireta** do patrimônio industrial na reconversão, integrando-o nas operações com finalidade comercial, administrativa,



cultural (outra além do objetivo pedagógico mencionado), esportiva, de lazer, residencial, etc. Neste caso, o patrimônio industrial é preservado (em parte ou totalmente), mas somente como um dos elementos, por vezes essencial, da reconversão.

### **A preservação integral: museus e parques industriais muito numerosos (ou numerosos demais?)**

#### **1-Numerosos pequenos museus**

No âmbito do *boom* patrimonial já mencionado, muitos lugares foram transformados em museus, com um objetivo de rentabilidade rápida e de reemprego, as minas de carvão fechadas reabrem “*pouco após sob forma de memoriais da mina e do carvão, os antigos funcionários sendo empregados como guias*” (Nenadic, 2005).

Este tipo de reconversão retoma então a consideração total do patrimônio industrial. Isso abrange frequentemente os elementos proto-industriais relativamente discretos (foto 1), no quadro da nostalgia e mesmo da fascinação pela vida do passado e tradicional da Inglaterra pré-industrial, em um movimento de retorno às raízes, “*grass roots*” mencionado por Falconer (2006).



FOTO 1: As casas ateliês dos tecelões de Arlington Row em Bibury, South-West8 Construídas no século XVII, elas abrigavam antigamente os serviços dos tecelões nos seus andares superiores e as residências, no térreo. Ligadas à Arlington Mill, moinho vizinho onde se tratavam os tecidos, elas formam um vilarejo proto-industrial que é um dos mais visitados da região turística de Costwolds.

A museificação diz respeito também a numerosos elementos mais claramente industriais. Em geral isso diz respeito mais a uma mina ou uma usina de tamanho médio, mas também a lugares mais importantes como usinas tubulares (siderurgia, química)<sup>9</sup>. Além desta museificação total, uma patrimonialização popular é aquela de muitas cervejarias ou destilarias de Whisky na Escócia, completadas por um museu, ainda que elas continuem em funcionamento.

Estes pequenos museus mostram, no entanto, um grave problema de rentabilidade, especialmente quando a atividade de visitação e de descoberta é uma atividade única no lugar. Certos museus não estão evidentemente nos lugares mais visitados das regiões britânicas ([www.tourismtrade.orh.uk](http://www.tourismtrade.orh.uk)). Além disso, a concorrência entre diversas autoridades locais (conselhos, autoridades unitárias, municipalidades) pode trazer realizações similares e muito próximas, então, fatalmente pouco rentáveis.

## **2-A Era dos Parques com tema industrial**

Frente a essas dificuldades, a tendência é a realização de verdadeiros parques com temas industriais, com a criação de uma rede unindo vários museus e atrações ligadas à indústria e seus anexos.

---

<sup>9</sup> As usinas tubulares são especificamente as siderúrgicas e químicas, onde as imponentes máquinas, como os fornos de combustão interna, as torres de destilação, etc. são aparentes e cercadas de faixas transportadoras e de condução múltiplas, o que origina o seu nome.

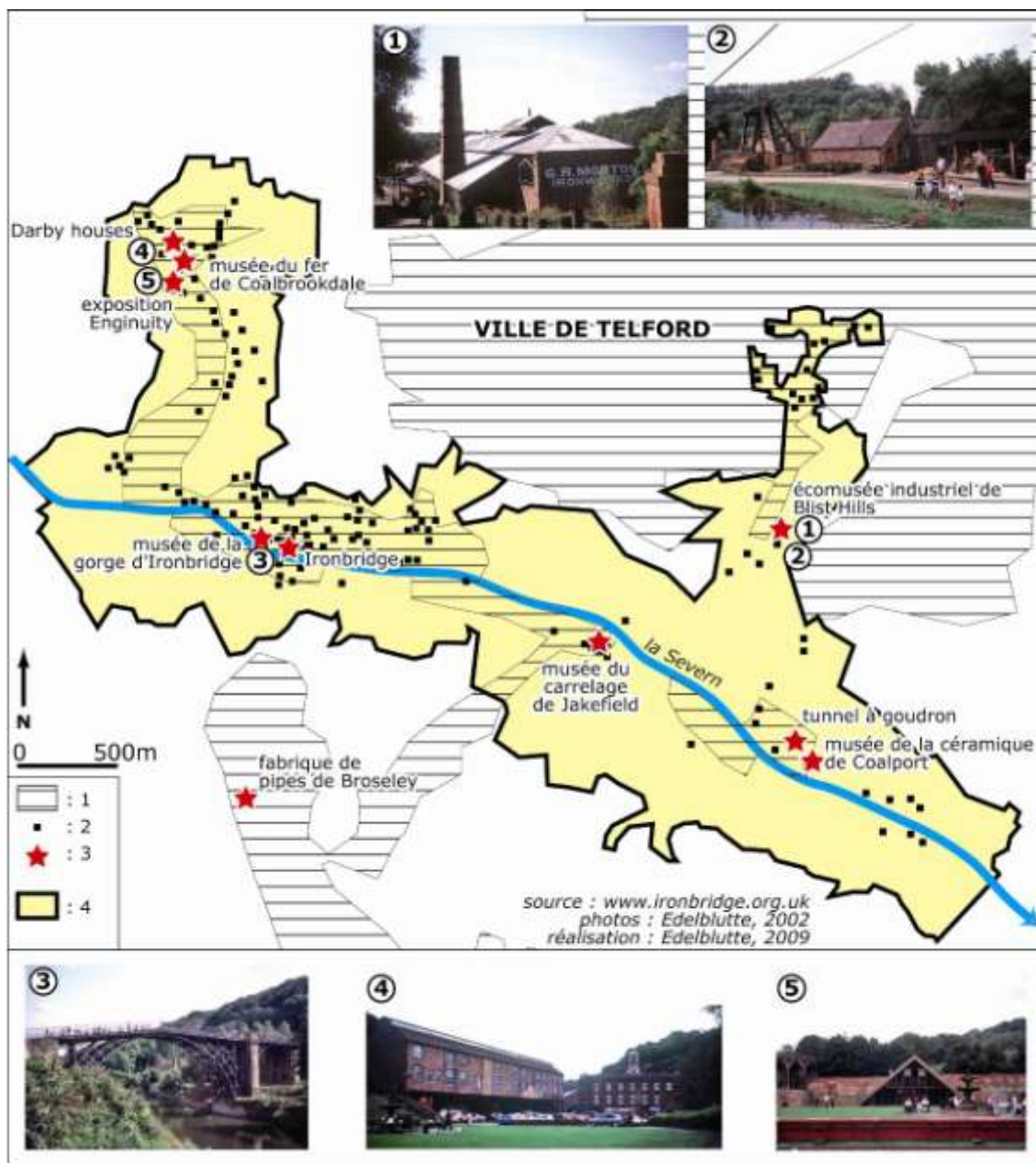


Figura 2: Ironbridge Gorge Park

LEGENDA: 1 – ateliê reconstituído no ecomuseu de Blist Hills, 2- canal do Shropshire, máquina a vapor e poços de mina no ecomuseu de Blists Hills, 3- Ironbridge, a mais antiga ponte em metal do mundo, 4- Museu do ferro de Coalbrookdale; 5- Prédio que abriga os restos do primeiro Alto-Forno do mundo (1709)

O exemplo emblemático no leste de Ironbridge Gorge Park (West Midlands) apresentada na figura 1. O lugar é organizado em torno da primeira ponte metálica do mundo (a Iron Bridge) e do primeiro forno para fabricação de ferro, produtor da fundição do coke, combustível proveniente da destilação da hulha, realizada por A. Darby em 1709. A empresa que a seguiu, a Cia Coalbrookdale, funcionou durante aproximadamente 250 anos (do começo do século XVIII ao meio do século XX),

conservando uma coleção de objetos produzidos durante esse período e que são valorizados hoje nos museus. Todo um conjunto industrial (subcontratados, clientes, fornecedores, etc.) nasceu em torno dessa companhia, desenvolveu-se e fechou progressivamente entre 1912 e 1950.

Desde 1967, uma associação é criada ao redor da valorização do patrimônio industrial e consegue preservá-lo e depois valorizar este conjunto de aproximadamente 15km<sup>2</sup>, cujos componentes principais são:

- O museu do ferro, instalado em uma antiga usina em frente do famoso forno de Coalbrookdale;
- Iron Bridge, primeira ponte em fundição no mundo, construída entre 1779 e 1781;
- Os fornos de uma fábrica de porcelana e um museu da pavimentação em Coalport;
- O ecomuseu de Blists Hills, parque ao ar livre que mistura partes preservadas (fornos, instalações do canal de Shropshire com um plano inclinado) e partes recriadas a partir de prédios, de ferramentas e de material pesado recuperados em outros lugares e transferidos para esse local. O conjunto é acoplado a um vilarejo operário do século XVIII, com seus armazéns e seus habitantes, interpretados pelo pessoal do parque.

Esta criação de rede de museus próximos e complementares, ligados aos vestígios e ao parque de Blist Hills, permite uma oferta turístico-cultural mais diversificada e mais atrativa. Assim, Ironbridge Gorge Park acolhe mais de 600.000 visitantes anuais ([www.erih.net](http://www.erih.net)) em 2006 (para 250.000 visitantes em 2001) o que o torna um dos lugares mais visitados de West Midlands.

O *Beamish Open Air Museum* (North-East) é outro exemplo de parque industrial, mesmo não se tratando aqui da criação de rede de museus diversos, mas de uma verdadeira e inteira reconstituição misturando vestígios locais e reconstituições. Centrado sobre a mina e a vida tradicional no século XIX, se estende sobre 120 hectares e mistura em um lugar virgem (o que o diferencia de Ironbridge) vestígios da extração de carvão transferidos de terrenos locais e de reconstituições. O parque, aberto em 1972, tornou-se o segundo lugar turístico pagante mais visitado do North-East em 2006 com pouco mais de 320.000 visitantes anuais ([www.tourismtrade.org.uk](http://www.tourismtrade.org.uk)), se autofinanciando quase totalmente com a renda dos ingressos.

Este sucesso mostra que o patrimônio industrial é realmente uma questão de identidade local, mais do que de autenticidade. Assim, o fato do parque ser uma reconstituição de várias épocas industriais e mineiras e não um antigo lugar industrial e mineiro, não afastou o público, mesmo que isto tenha chocado os puristas e alguns



historiadores que consideram que a percepção do passado pelos visitantes fica comprometida (Nenadic, 2005).

O Reino Unido é ainda o lugar da Europa que possui mais museus industriais ou com esta conotação. O site da *European Route of Industrial Heritage* ([www.erih.net](http://www.erih.net)) recensou 210 museus, contra 197 na Alemanha (na origem do ERIH e sua sede) e 50 na França. O importante número de lugares britânicos está evidentemente ligado à profundidade histórica da industrialização do país e às políticas de reconversão dos anos 1980/90.

A preservação integral, ou seja, em um objetivo pedagógico, do patrimônio industrial foi utilizada durante os anos 1980/90 como um elemento sinalizador da reconversão primeiramente sob pressão, e mais recentemente, em um movimento identitário percebido e visível, sobretudo nos RTI britânicos (Sul do País de Gales, North-East, North-West, Yorkshire, West Midlands, Lowlands da Escócia) definindo-se em contraponto ao sucesso terciário do grande Sudoeste ao redor de Londres. Este avanço na valorização do patrimônio permitiu também ao Reino Unido ser o primeiro (antes mesmo da Alemanha) a experimentar a criação de uma rede entre os lugares, nos perímetros mais vastos, constituindo verdadeiros parques com temas industriais, como o de Ironbridge. No entanto, esta valorização patrimonial integral não é possível, nem desejável em toda parte, principalmente em razão da quantidade de lugares abandonados e existem outras formas de valorização do patrimônio.

### **O patrimônio em outras ações, uma preservação indireta**

Com o aparecimento da noção de desenvolvimento sustentável, que impulsiona a renovação urbana mais do que a expansão urbana e a destruição e a reconstrução, a reabilitação de prédios industriais abandonados, para outros fins que não os da museificação, é visível em vários lugares. Essa preservação patrimonial indireta é particularmente presente no Reino Unido em razão da importância do estoque de elementos industriais abandonados e do lugar da indústria na história e na identidade de algumas regiões.

#### **1-Ações frequentemente modestas**

Esta recuperação é, com frequência, bastante limitada a pequenos objetos do cenário ou a ruínas, principalmente no meio rural. Vagonetas mineiras, locomotivas industriais, rodas, ferramentas e máquinas diversas são instaladas em um cruzamento, no meio de uma praça. Este gênero de elementos é frequente nas cidades industriais,

preexistentes às revoluções industriais e cuja indústria foi presente em apenas uma parte, ainda que de grande importância, do tecido urbano.

Assim, em Salford, antiga periferia industrial-portuária de Manchester (North-West), em contato direto com o Manchester Ship Canal, que liga em grande estilo a cidade ao mar, resta apenas uma ponte pênsil e alguns vestígios reconstituídos, algumas placas para lembrar a antiga ocupação do bairro, hoje totalmente renovado e que abriga escritórios, residências, museus e centros culturais e comerciais com arquitetura bem contemporânea.



Figura 3: Alguns vestígios do período industrial-portuário, em Salford, na Grande Manchester (North- West).

No primeiro plano, algumas esculturas lembram a antiga vocação industrial-portuária do bairro. Ao fundo, a grande quantidade de guias mostra a renovação profunda do bairro.



FIGURA 4: Uma placa de informações comparativas (Edelblutte, 2008)

A Sociedade Peel Holding Pic, promotora da renovação do bairro instalou esta placa sobre os antigos cais. Ela permite a comparação, por duas fotos aéreas obliquas, do estado de terreno baldio do bairro em 1970 e da sua renovação atual. O texto parece exaltar as ações de Peel Holdings Pic, na grande Manchester e em todo o Noroeste.





FIGURA 5: A ponte pênsil de Salford Quays (Edelblutte, 2008)

Permitindo atravessar a doca principal de Salford Quays, antigo porto industrial de Manchester, esta ponte pênsil é um dos raros vestígios associados ao crescimento industrial-portuário de um bairro hoje em plena reconversão onde se encontram centros comerciais, museus, escritórios e residências modernas (à esquerda).

A valorização do patrimônio industrial é, em geral, muito mais impulsionada nas cidades onde a indústria era a substancia da identidade e da paisagem local. Sua patrimonialização é então essencial e toma formas mais variadas e mais impressionantes, frequentemente ligadas ao comércio e às residências.

## **2- Comércio e residências, uma valorização conveniente e frequente**

Uma das reconversões patrimoniais mais correntes está ligada à terceirização, particularmente impulsionada na sociedade britânica, direcionada ao comércio. Esta reconversão é facilitada pela fragilidade da oferta comercial das cidades industriais nascidas em torno de um centro mineiro e/ou industrial e onde tudo era voltado à produção. Essa reconversão é facilitada quando o prédio industrial é constituído por de pavimentos ou instalado em galpões<sup>10</sup> e não um prédio tubular, dificilmente reutilizável.

Os exemplos são numerosos em antigas fábricas têxteis de Salt's Mill em Saltaire (Yorkshire & The Humber) na Masson Mills em Matlock Bath (East Midlands) passando por um dos mais belos sucessos em termos de público, a Moscow Mill de Oswaldwhistle em Accrington no Lancashire (North-West). Esta fábrica, construída em 1824, reproduzindo de modo clássico os ateliês situados outrora em domicílios, foi convertida pela iniciativa privada<sup>11</sup>, em um vasto centro comercial, acolhendo mais de 80 boutiques e artesãos, o que representa 225 empregos em cinco antigos prédios industriais. Uma pequena parte do lugar é reservada a um museu têxtil que expõe as grandes etapas da história do lugar e a vida quotidiana dos operários. O *Oswaldwhistle Mills Shopping Village* é, graças a esta reconversão, o segundo sítio industrial patrimonial mais visitado do Reino Unido com 550.000 visitantes anuais em

---

<sup>10</sup> Os galpões, conhecidos também na França com o nome de “telhados com dentes de serra”, são coberturas decompostas em várias seções. As seções ao Sul são cobertas de telha e as ao Norte são envidraçadas, permitindo aos prédios de mesmo nível uma iluminação indireta e não incômoda para o trabalho têxtil.

<sup>11</sup> O proprietário atual, Boyd Hargreaves, é o descendente de James Hargreaves, o inventor da *Spinning Jenny*, máquina de tecer emblemática e pilar da revolução industrial no setor têxtil.

2007 ([www.touristmtrade.org.uk](http://www.touristmtrade.org.uk)), o que o coloca logo atrás do *Ironbridge George Park*. Entretanto, existe uma diferença de tamanho já que se o último é uma valorização patrimonial direta e integral, a *Oswaldswhistle Mills Shopping Village* é uma valorização patrimonial indireta e seu sucesso junto ao público não decorre de seu caráter industrial, mas do fato dele abrigar um centro comercial. Trata-se de uma valorização mais incompleta e menos cientificamente satisfatória do que um museu ou mesmo do que um parque com tema industrial, mas isso permite a conservação, no tecido urbano, na paisagem e, portanto na vida cotidiana dos habitantes da forte marca industrial que constituía essa antiga fábrica têxtil.

Se a preocupação pelo comércio é frequente, os antigos prédios industriais podem ser preservados para outros fins como a transformação em residências – um dos mais frequentes. Com efeito, em numerosas cidades industriais, mas também em cidades marcadas por uma forte industrialização, o que é o caso da maioria das aglomerações do Norte Inglês e de West Midlands, a presença mais importante, no tecido urbano pré-existente, de prédios industriais abandonados impulsionou a reconversão residencial. Esta é favorecida, no caso de usinas têxteis ou de entrepostos em tijolos, em andares e com grandes e numerosas aberturas (a luz era essencial ao trabalho têxtil) não tubulares da arquitetura mais específica. A elevada altura do teto, o toque arquitetônico e as grandes aberturas, conduzem frequentemente à criação de *lofts*, vastos apartamentos em peça única, destinados a populações mais ricas. Este tipo de transformação é muito presente nas cidades de Lancashire, em Manchester, no oeste de Yorkshire (Leeds, Bradford) ou ainda em Newcastle-upon-tyne no North-East.



FIGURA 6: Uma reconversão residencial em uma antiga usina em Newcastle-upon-Tyne no North-East (Edelblutte, 2008). Construído em 1888 pela gráfica Robinson & Co, cresceu em 1898, transformada em seguida em entreposto por E.&F Tumbull, este prédio de andares e em tijolos, típico das usinas inglesas da época esta situado no centro antigo de Newcastle. Ele domina o vale da Tyne, oferecendo grandes pontos de visita. Em 2002, é reconvertido em Lofts, vastos apartamentos de luxo conservando e valorizando numerosos elementos industriais da origem (como, por exemplo, vigas de madeira e pilares metálicos).

A reconversão residencial, raramente considerada por razões de custo (despoluição, colocação nas normas vigentes, etc.) nos primeiros tempos do declínio do fordismo, é, pois, possível no caso de prédios industriais próximo aos centros, onde os preços dos imóveis são altos. Essa reconversão é particularmente bem representada no Reino Unido, com potencial de uso bastante amplo.

### **3- Outras formas de reconversão patrimonial**

Além das reconversões comerciais e residenciais, existem outras formas mais originais de valorização. As grandes fábricas ou entrepostos ligados às revoluções industriais, ainda que se prestem bem à reconversão em espaços comerciais podem também ser utilizadas como apoio para elementos culturais. A oferta cultural, principalmente nas grandes cidades industriais e cidades industriais, inteiramente consagradas à indústria, era, de fato, bastante fraca. A recuperação dos antigos e vastos prédios industriais, mas principalmente de docas e entrepostos, pode ser uma oportunidade bem-vinda que alia uma nova oferta cultural conservando uma parte da

antiga identidade da cidade ou do bairro. O exemplo mais célebre é a Tate Modern instalada em uma antiga central elétrica térmica, situada em Londres às margens do Tâmis.



FIGURA 7: Exemplos de reconversão cultural, valorizando o prédio industrial ou portuário. A Tate Modern de Londres, em uma antiga central elétrica (Edelblutte, 2008)

Construída em 1947 e reformada em 1963, a *Bankside power station* era uma central elétrica térmica que encerra suas funções em 1981. Reabilitada durante os anos 1990, reabre em 2000 como um museu de arte contemporânea e se torna um dos lugares mais visitados do Reino Unido.



FIGURA 8: A Tate Liverpool, nos antigos entrepostos de Albert Dock (Edelblutte,2008)

Inaugurado em 1846, Albert Dock é uma bacia cercada de numerosos entrepostos ligados à atividade portuária de Liverpool. Em declínio desde o período após a segunda guerra mundial, o conjunto foi reconvertido durante os anos 1980 e aberto em 1988. Combina vários museus, uma antena local da Tate, museu de arte contemporânea e numerosos comércios, distribuídos em torno da bacia. Em 2004, Albert Dock é incluído no perímetro do porto mercador de Liverpool, classificado como patrimônio mundial da UNESCO.





FIGURA 9: O *BALTIC Centre for Contemporary Art*, em uma antiga usina de fabricação de farinha, em Gateshead (Edelblutte, 2008)

Construída nos anos 1950, nas margens da Tyne, esta usina de fabricação de farinha foi convertida em um centro de arte contemporânea aberto em 2002.

As duas fachadas sul e norte (com o afresco na foto) são conservadas e todo o interior é remanejado, com seis andares principais e três mezaninos. O conjunto é complementado por algumas boutiques, um cinema e um restaurante panorâmico.

Na realidade, a variedade dos tipos de reconversão integrando um componente patrimonial é quase infinita. As grandes usinas em tijolos podem assim abrigar escritórios, atividades de lazer, centros sociais, pubs, etc. e mesmo outras indústrias .



FIGURA 10: O pub RAIN em Manchester (North-West), uma antiga indústria de guarda-chuvas (Edelblutte, 2008)

Este prédio em estilo vitoriano abrigava uma indústria de guarda-chuvas. Depois de muito tempo abandonada ela reabre em 1999, como um pub restaurante de três andares, tendo atrás um terraço para o Rochdale Canal aberto em 1804 através do Canal Pennine e hoje reabilitado.

A preservação patrimonial de um prédio não o torna, necessariamente um museu. É ainda melhor a integração de uma nova atividade nos hábitos da antiga, mesmo que ela choque os puristas e aumente as tensões entre historiadores e profissionais do patrimônio, sendo frequentemente a melhor garantia da conservação de um patrimônio vivo. Esta tendência para a constituição de um patrimônio industrial vivo e ativo é igualmente percebida com o aumento espacial da noção e a criação de uma rede, além das fronteiras do Reino Unido.

### **III- Ampliação e criação de uma rede do patrimônio industrial britânico**

A noção de patrimônio industrial, inscrevendo-se na ampliação da noção global de patrimônio, mencionada na Introdução, abrange temáticas cada vez mais amplas e territórios cada vez mais vastos, cuja gestão é evidentemente mais complexa.



Os territórios industriais, herdados ou ativos, são compreendidos, de fato, em várias escalas. Este aumento visível principalmente de sítios industriais classificados pelo patrimônio mundial é acompanhado pela criação de rede européias e mundial.

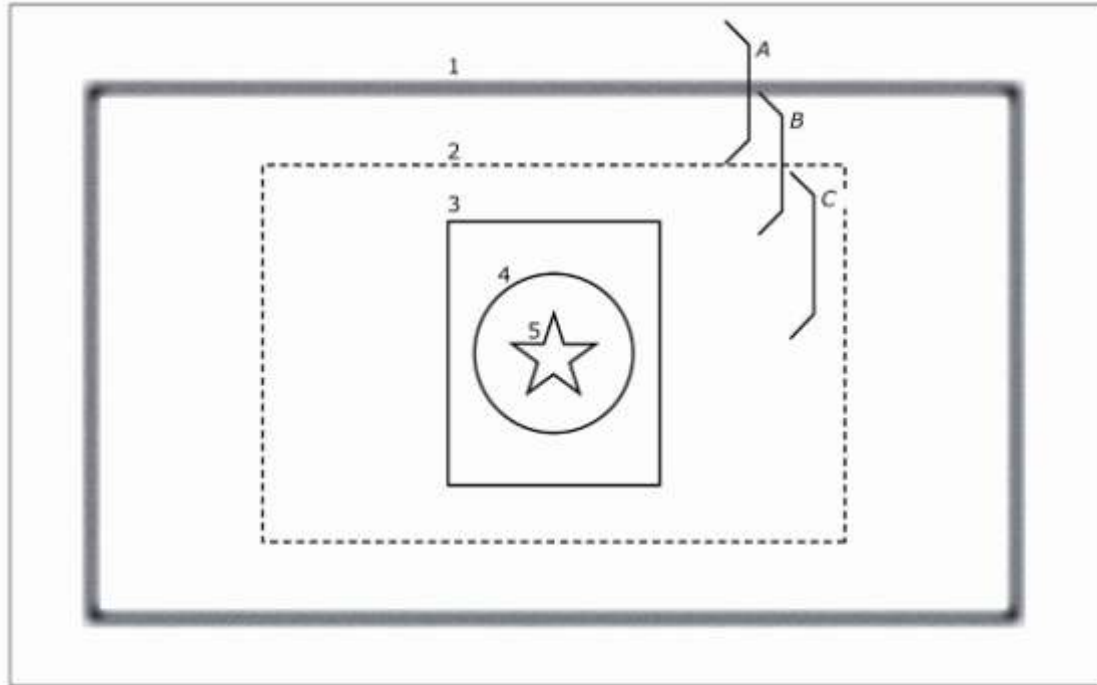


FIGURA 11: Encaixe de territórios industriais em diferentes escalas

**Legenda:** 1-País industrial do passado, Novo país industrializado, País em transição, Países emergentes; 2-Bacia, vale, distrito, região, etc; 3-Cidade-fábrica ou cidade-fábrica; 4-Zona industrial; 5-Fábrica, A-pequena escala, B-Escala média, C-Larga escala

### **A- As cidades industriais, um território patrimonial emblemático.**

Além do lugar propriamente dito, o primeiro território industrial a ter sido colocado como patrimônio é a cidade-fábrica. Os conjuntos mais antigos ou mais bem sucedidos foram os primeiros a serem preservados, ainda que em outras cidades industriais mais recentes esse patrimônio esteja em vias de proteção.

New Lanark, na Escócia é assim preservada como representativa das primeiras cidades industriais do começo do século XIX. O conjunto foi fundado em 1785 ao sul de Glasgow e remodelado pelo industrial filantropo Robert Owen entre 1809 e 1824. Estas são suas realizações consideradas como exemplares pois Robert Owen quis nela desenvolver uma sociedade ideal, sem crime, sem pobreza e sem miséria, aumentando o tamanho e o conforto das habitações operárias e oferecendo educação ao trabalhadores fabris, esperando assim responsabilizá-los, motivá-los e aumentar a sua produtividade. New Lanark reagrupa então todos os elementos-chaves da cidade-fábrica. A fábrica fecha em 1968 e o lugar é colocado sob a gestão do *New Lanark*

*Conservation Trust*, fundação de utilidade pública sem fins lucrativos, que decide restaura-lo, retomando seus tempos dourados, ou seja, de sua história feita na primeira metade do século XIX, destruindo então prédios posteriores. Esta escolha é evidentemente criticada por alguns e esteve no centro do debate entre profissionais do patrimônio e historiadores.

Outro exemplo emblemático, por sua grande homogeneidade e sua representatividade do resultado máximo do paternalismo, é a antiga cidade-fábrica têxtil de Saltaire, perto de Bradford (Yorkshire & The Humber).

Este extraordinário conjunto industrial-urbano nasceu em 1853 da vontade de Titus Salt, que queria transferir suas cinco fábricas têxteis do centro de Bradford para uma única instalada à margem de uma via férrea e de um rio navegável. Trata-se também, para este patrão esclarecido, de fornecer aos operários, muito mal alojados em imóveis insalubres em Bradford, alojamentos decentes e salubres. Estes alojamentos são completados por outros prédios de caráter social (refeitório, banheiros, hospital, escola, instituto reagrupando várias atividades sociais, casas reservadas aos aposentados, igreja, e etc.), o todo formando uma cidade-fábrica completa para os 3000 a 4000 empregados da usina.

O conjunto se desagrega progressivamente, principalmente a partir de 1933 quando os alojamentos são vendidos pouco a pouco para seus ocupantes e, em seguida, ao longo dos anos do período Pós-guerra, com a transferência progressiva das atividades da fábrica para outros lugares, até mesmo para o exterior.

A fábrica fecha completamente em 1986 depois de ser adquirida por um admirador desse empreendimento e abriga, desde 1987, exposições, o que permite a sua preservação, algo que não teria sido possível em caso de abandono.

Em 1971, antes do fechamento total, o prédio e a cidade-fábrica inteira são classificados e protegidos por uma *conservation area*, zona de arquitetura particular e/ou com interesse histórico que merecem proteção e manutenção. Em 1985, 99,5% dos prédios são inscritos na lista de prédios de interesse arquitetônico ou histórico particular, em vários níveis: grau I (igreja), II\* (Salts Mill –fábrica principal- instituto e escola) ou II por não menos de 800 outros prédios da cidade – fábrica e essencialmente os conjuntos de residências<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> O grau I designa edifícios de “excepcional interesse”, grau II edifícios “particularmente importantes e de interesse especial” e grau III “edifícios de interesse especial”. Isso implica essencialmente que o imóvel inventariado não pode ser demolido, aumentado ou alterado sem permissão especial de autoridades competentes em matéria de urbanismo.

Esta evolução lenta permitiu a manutenção da homogeneidade do conjunto que traz, por sua longevidade e tamanho, a marca da originalidade em relação a outros exemplos contemporâneos do mesmo tipo no Reino-Unido (Walkerburn na Escócia) ou em outros lugares na Europa (os conjuntos residenciais Dolfuss de Mulhouse, em Alsace).

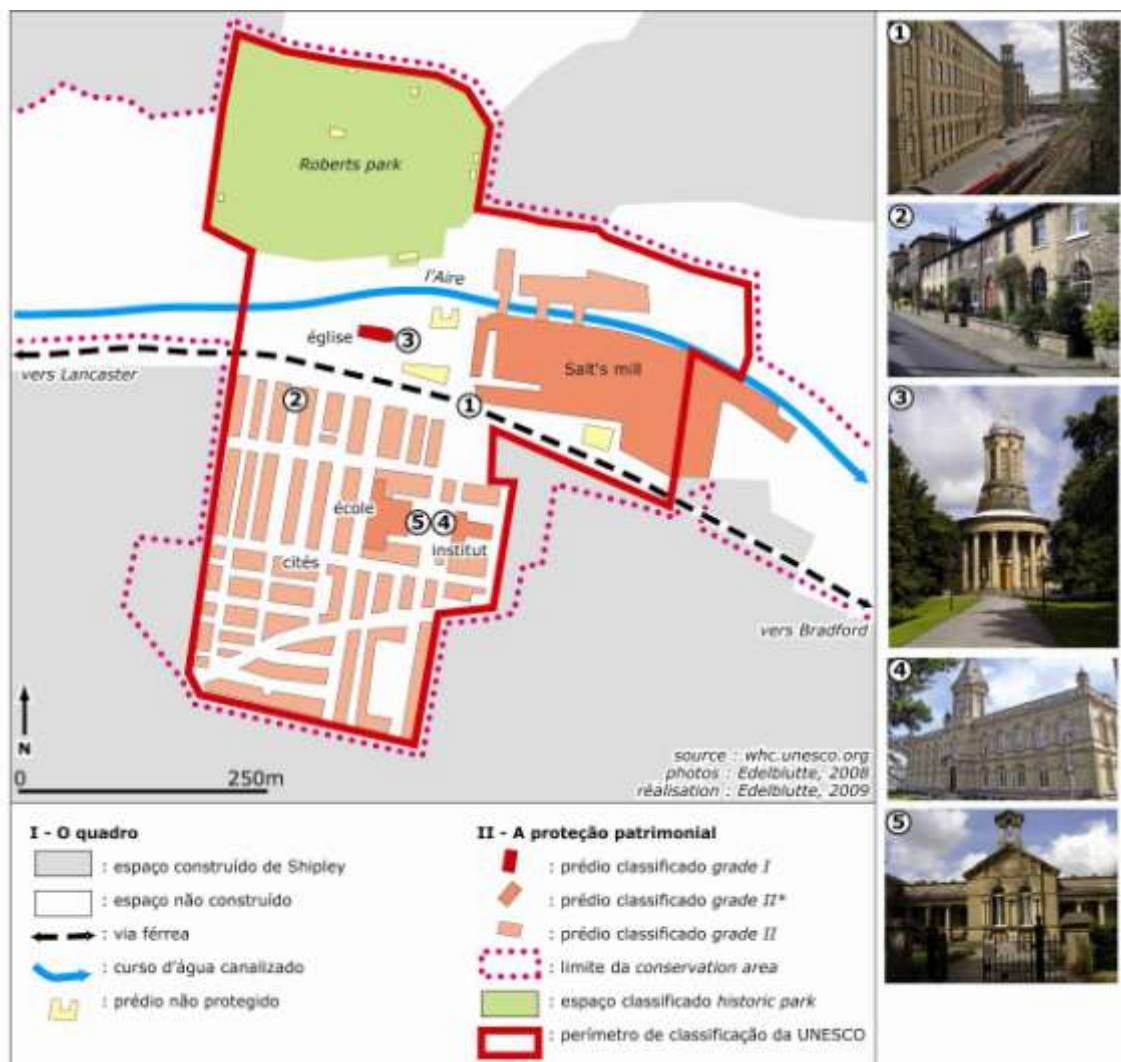


Figura 12: Uma antiga cidade-fábrica patrimonializada no seu conjunto: Saltaire (Yorkshire & The Humber)  
Legenda: 1 -antiga fábrica e via férrea ; 2- quarteirões operários ; 3- Igreja ; 4- Espaços institucionais (biblioteca, salas de reuniões, etc...); 5- Escola

Enfim, uma das particularidades essenciais de Saltaire está no fato de que todo conjunto é vivo, pois nenhum prédio é vazio; a fábrica principal (Salts Mill, na Margem direita do Aire) abriga os escritórios dos serviços de saúde da cidade de Bradford e lofts.

Os antigos conjuntos residenciais estão todos reocupados assim como os antigos prédios econômicos e sociais; o instituto, antigo prédio que reagrupava várias

atividades sociais conserva esta utilidade; o hospital se tornou uma creche, as casas dos aposentados se tornaram casas particulares e alguns comércios e pubs se instalaram nas ruas principais. As raras ameaças são as modificações de janelas, portas, aberturas, executadas pelos proprietários, antes da classificação, e a passagem de uma estrada com forte tráfego, no centro do vilarejo.

A ampliação da noção de patrimônio industrial não é somente espacial, do prédio a toda cidade, mas também temporal, com a preservação de elementos mais recentes. É o caso do conjunto residencial Bata d'East Tilbury (East). A cidade-fábrica, construída em 1933, é classificada como *conservation area* desde 1993. No interior vários prédios (conjuntos residenciais e o antigo prédio da administração) são classificados grau II. East Tilbury se caracteriza igualmente pelo seu ambiente rural, apesar da proximidade da Grande Londres e, como em Saltaire é a homogeneidade do conjunto que faz sua riqueza. Entretanto, as ameaças são mais fortes. Desde 2009, a antiga fábrica, composta de três grandes prédios e dez outros menores, está em estado de abandono, que começou com sua revenda em 1998; os novos proprietários alugaram os prédios anexos para pequenas empresas provocando uma desorganização predial, e os três principais prédios da fábrica estão quase ou totalmente vazios. Enfim, os conjuntos residenciais foram revendidos para particulares e sofreram alterações inerentes à sua personalização. Vários equipamentos foram destruídos, como por exemplo, a piscina. O objetivo da *conservation area* é, agora, preservar o conjunto remanescente, manter e conservar as árvores, as sebes, o limite original da cidade-fábrica e ajudar os proprietários a dar a suas casas, novamente, as características originais em termos de janelas e aberturas. No entanto, permanecem várias questões sobre o destino da fábrica e o dos três prédios que se degradam. Além disso, a locação de prédios menores para várias empresas pequenas prejudica a coerência do conjunto ([www.thurrock.gov.uk](http://www.thurrock.gov.uk)). Estes exemplos mostram que as cidades industriais podem ser preservadas a título patrimonial. Se elas são evidentemente diferentes por sua época de construção e por seu status de proteção, elas têm em comum a homogeneidade preservada, a coerência do conjunto, que as fazem elementos excepcionais além do simples interesse que teriam podido representar a conservação da única fábrica. Esta coerência pode também ser percebida em uma escala ainda menor que a da cidade-fábrica.

## **B- A preservação de territórios industriais mais vastos**

Segundo o movimento geral de ampliação da noção de patrimônio, o patrimônio industrial diz respeito, hoje, a patrimônios cada vez mais vastos, na escala

das bacias ou vales industriais. Tornou-se evidente que alguns territórios maiores, tanto em termos de duração (dos séculos XVIII à XX no Reino Unido, por exemplo), quanto de tamanho (um quadrilátero de 116 por 67 km, em Ruhr, na Alemanha), transformados pela indústria receptavam tanto traços e heranças industriais que estes se tornaram fundamentais na perspectiva de uma reconversão ou mesmo de uma simples evolução.

Nestes vastos territórios, bacias ou vales industriais, o patrimônio não se resume a uma única fábrica cercada por conjuntos residenciais ou anexos industriais indiretos. Trata-se principalmente de uma paisagem inteira criada pela indústria, um *cultural landscape* criado pela atividade humana. Esta paisagem é formada pela justaposição de várias cidades industriais ou de cidades-minas funcionando em concorrência e/ou de modo complementar. O conjunto é, ao mesmo tempo, uma paisagem oriunda das atividades, mas também o quadro de vida, durante várias décadas e até mesmo séculos, de uma população que a ele se vincula.

Complementando esta característica identitária evidente, a profundidade cronológica e a grandeza da indústria sobre o território são tais que a paisagem inteira, mais do que somente a fábrica, parece hoje constituir um testemunho da história da humanidade, tanto quanto um monumento antigo, quanto uma velha cidade medieval ou uma paisagem rural preservada. Como tal, pode-se considerar que este gênero de paisagem merece ser protegido e valorizado.

Se esta ampliação é primeiramente sentida na Alemanha, com a preservação combinada de numerosos lugares do vale de Emscher, desde 1989, em uma Ruhr que parece precursora no assunto, os britânicos seguiram rapidamente territórios bastante variados. Os melhores exemplos deste tipo são as paisagens mineiras e industriais de Blaenavon, no País de Gales ou as paisagens mineiras da Cornualha e do Devon, que colocam em rede várias minas e fábricas ligadas ao tratamento de carvão e estanho. Esta organização reticular tem permitido a classificação dos dois conjuntos no patrimônio mundial da UNESCO.

Outro exemplo emblemático também classificado como patrimônio mundial, dessa ampliação de territórios do patrimônio industrial, é o vale de Derwent no East Midlands. Esse vale é considerado como lugar de nascimento da indústria têxtil no século XVIII. Existe, em primeiro lugar, em Derby, a fiação mecânica da seda Lombe construída nos anos 1720 e considerada a primeira fábrica do mundo, mas também em Cromford, as primeiras fiações modernas, construídas nos anos 1770 por Richard Arkwright. As fábricas Arkwright são imitadas, primeiro localmente, mas após em todo

Reino Unido (New Lanark, por exemplo) e em outros lugares (Alemanha, França, Estados Unidos).

Uma grande parte das fábricas de Derwent ainda existe e os elementos anexos existentes em torno dela são bastante numerosos: infraestrutura ligada à distribuição de água, essencial como fonte de energia na época, construções sociais dos industriais, primeira cidade classificada como operária. As antigas cidades industriais de Cromford, Belper, Milford e Darley Abbey, etc. estão ainda preservadas e realmente todo o vale, ao longo do rio, elemento que viabilizou os investimentos, apresenta uma paisagem harmoniosa ao longo de 24 km. Ele oferece características que evocam o ponto de transição dos séculos XVIII e XIX e o começo da revolução industrial, que motivou sua classificação.

O conjunto comporta 838 prédios inscritos na lista de interesse arquitetônico ou histórico particular, onde 18 em grau I, principalmente em Cromford. Ainda, a extensão da zona inscrita no patrimônio mundial faz com que zonas protegidas sob vários nomes (parques, jardins, sítios de vida selvagem, preservação de habitats naturais, monumentos, etc.) sejam incluídas. Por outro lado, o vale fica como um patrimônio vivo e um eixo de circulação importante na escala regional, o que submete o território classificado a fortes riscos de alteração e complica a sua gestão. Esta complexidade é uma das maiores consequências da ampliação de territórios protegidos.





FIGURA 13: A Derwent Valley (East Midlands) um vale industrial têxtil inteiramente classificado como patrimônio mundial da UNESCO.



**A torre de Derby Silk Mill, sobre a mais antiga fábrica do mundo em Derby (Edelblutte, 2008).**

A Fábrica construída no começo dos anos 1720 trabalhava a seda. Foi incendiada várias vezes (1826, 1910) agora esta reconstruída, a torre visível aqui é o elemento mais antigo. Abriga hoje o museu de história e indústria de Derby.



FIGURA 14: Fábrica Arkwright de Cromford (Edelblutte, 2008)

Este local abriga a mais antiga fiação hidráulica de algodão no mundo. A First Mill, à direita, construída em 1771. Os outros prédios foram construídos entre 1771 e 1790.

Em declínio desde os anos 1840, em razão da fraqueza do abastecimento de água, ela abriga hoje pequenas empresas, empregando uma centena de pessoas.



FIGURA 15: Long Row, conjunto de casas operárias em Belper (Edelblutte, 2008).

Construídas nos anos 1890 pelas fábricas têxteis de Belper são consideradas como os mais antigos conjuntos residenciais de operários do mundo e são ainda habitadas.



FIGURA 16: O East Mill de Belper, construída em 1912 (Edelblutte,2008)

Completando a Norte Mill de 1804, esta East Mill construída em 1912, é um exemplo muito representativo das fábricas “disfarçadas” (Bergeron, Dorel-Ferré, 1996) por seus proprietários desejando se separar da concorrência e demonstrar sua potência. Abriga hoje pequenas empresas.





FIGURA 17: Antiga Fábrica têxtil de Darley Abley (Edelblutte, 2008)

Várias fábricas foram construídas neste lugar, na margem do Derwent entre 1781 e 1819. O conjunto abriga hoje pequenas indústrias conservando sua vocação industrial.

De fato, a diversidade dos proprietários é grande. O essencial das habitações é propriedade privada, como algumas antigas fábricas divididas em vários lotes ocupados pelos PME ainda ativas. Alguns grandes prédios pertencem às autoridades locais, ao Estado ou a instituições beneficentes. O território inscrito em razão de sua extensão depende de autoridades locais diversas: distritos de Derbyshire Dales, Amber Valley e Erewash, incluído no comitê de Derbyshire e a autoridade unitária 13 de Derby City. A gestão do conjunto é, portanto, complexa.

Nos anos 1970, a associação *Arkwright Society* chamou a atenção para esse patrimônio excepcional. Logo após, as autoridades locais e a *English Heritage*, planejaram uma estratégia urgente de proteção e de valorização motivada por fortes riscos de desagregação dos conjuntos habitacionais, revendidos para particulares após a falência das empresas que os tinham gerenciado. Em seguida, o *Derwent Valley Mills Steering Panel*, organismo de coordenação entre os diferentes atores (públicos e privados) é colocado em 1997 sob a direção efetiva do Conselho do Comitê do

Derbyshire. Esse órgão trabalhará em vários domínios identificando os riscos que incidiam nos territórios classificados como patrimônio, assegurando a ligação entre os proprietários privados e as autoridades locais, propondo vias de desenvolvimento e de planejamento, especialmente rodoviário (whc.unesco.org). Numerosos exemplos de parcerias complexas entre setores públicos e iniciativas privadas foram desenvolvidos em todo o Reino Unido para proteger estes vastos territórios. Exemplos detalhados dessas montagens financeiras são desenvolvidos na obra editada por M. Stratton, *Industrial buildings, conservation and regeneration* (2000).

A comparação entre a dimensão do território da Derwent (estendido sobre 24km), inscrito no patrimônio mundial em 2001 e o de Ironbridge (estendido sobre 4km), inscrito em 1986, ilustra finalmente a ampliação recém trazida para a noção de patrimônio industrial.

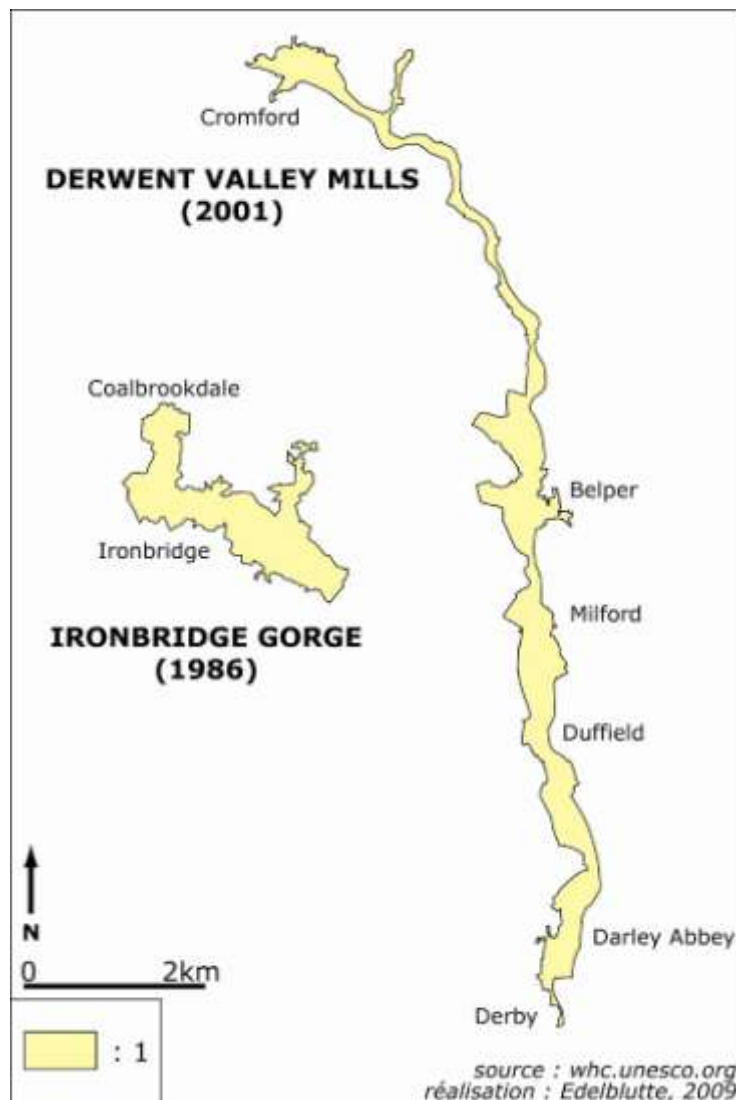


Figura 18: A Derwent Valley (East Midlands) e Ironbridge Gorge (West Midlands), superfícies comparadas das zonas inscritas no patrimônio mundial da UNESCO

Legenda: 1-Território patrimonializado pela UNESCO (data do registro entre parênteses)

### **C - A criação de uma rede prática do patrimônio industrial**

A criação de uma rede entre lugares próximos permitiu a proteção em escala continental e mundial no quadro de organismos estabelecidos recentemente. O Reino Unido tem um lugar essencial, mesmo que ele não tenha sido a origem do principal organismo europeu para a defesa do patrimônio industrial.

Unindo lugares e territórios industriais na escala do continente, a Rodovia Européia do Patrimônio industrial (*European Route of Industrial Heritage* - ERIH), calcada sobre o modelo da *Route der Industriekultur* que liga os principais antigos lugares industriais de Ruhr é estabelecida a partir de 2002, na iniciativa do *Land de Rhénanie Nord-Westphalie* e no quadro de um programa INTERREG II C.

Trata-se de uma rede de lugares industriais, composta primeiramente de pontos de ancoragem, ou seja, lugares sinalizadores e símbolos do patrimônio industrial onde se encontra, dentre outros, praticamente todos os maiores lugares mencionados anteriormente. Em 2009, sítios de sete países participavam desta rede. O maior número de sítios se encontra na Alemanha, no Reino-Unido e nos Países Baixos, os três primeiros países parceiros, mas outros integraram a rede como a Bélgica, Luxemburgo, República Tcheca e França ([www.erih.net](http://www.erih.net)). Igualmente, o ERIH propõe:

- itinerários regionais, ancorados sobre os lugares mencionados acima, mas incluindo outros lugares menos emblemáticos
- itinerários temáticos (têxtil, mina, siderurgia, energia, água, transportes, etc.) que integram, fora dos itinerários regionais, várias centenas de locais em toda União Européia, na Suíça, na Noruega e na Turquia;
- informações bastante completas sobre a história industrial e sobre cada antigo local industrial e mineiro citado.

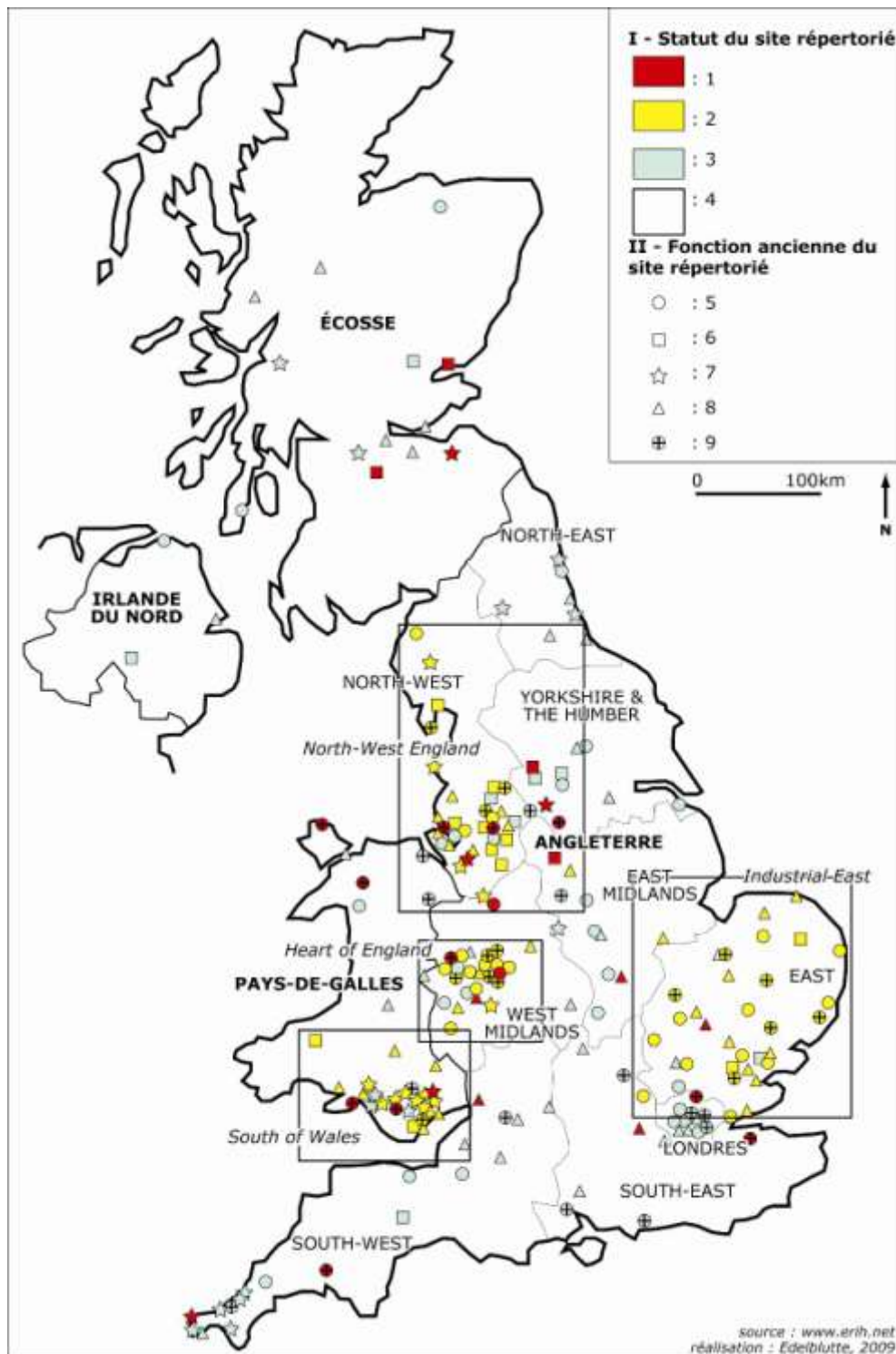


Figura 19: Pontos de Ancoragem, lugares e itinerários regionais da Estrada Européia do Patrimônio Industrial em 2009 no Reino Unido

Legenda: I-status do sitio repertoriado: 1- ponto de ancoragem do ERIH, 2-sítio incluído no itinerário regional, 3-outro sítio repertoriado, 4-itinerário regional; II-Função antiga do sítio repertoriado: 5- agroalimentar, artesanato, habitação operária, 6-textil, 7- minas, siderurgia, química, 8-transporte e energia, 9-misto.



A figura 19 apresenta lugares britânicos recenseados pela ERIH, sendo o Reino Unido o país que conta com maior número desses sítios. No entanto, o recenseamento foi realizado de maneira ampla incluindo elementos que podiam ser vinculados a indústria. Além disso, operou apenas de acordo com os lugares recenseados, o que explica a ausência de outros muito importantes (*O Beamish Open Air Museum*, por exemplo).

Assim, uma região como o Leste, historicamente pouco industrializada, se sobressai mais sobre o mapa que o Nordeste ou as Terras Baixas, da Escócia, espaços muito precocemente e profundamente industrializados. O mapa traduz uma real densidade de lugares industriais patrimoniais (North-West, sul do país de Gales, West Midlands), mas mais ainda a intensidade nos níveis locais e regionais, da vontade de preservação e valorização do patrimônio industrial. Enfim, estes lugares recenseados representam somente uma parte do que podemos classificar como patrimônio industrial, pois, se alguns lugares adaptados em direção ao comércio e a cultura aparecem, não é o mesmo caso daqueles que se tornaram residências, escritórios ou novas indústrias.

Apesar das imperfeições deste recenseamento, a ERIH se tornou mais do que uma rede ligando os lugares do patrimônio industrial, um banco de informações extraordinárias e fundamentais neste domínio na Europa, consagrando a noção de patrimônio industrial à escala de quase todo continente.

Em nível mundial, as associações nacionais rapidamente perceberam o interesse em se unir. Isto se deu pelo intermédio do TICCIH (*The International Commettee for the Conservation of Industrial Heritage* – Conselho internacional pela preservação do patrimônio industrial), fundado em 1973, em um Congresso em Ironbridge<sup>13</sup>. O TICCIH organiza a cada três anos, importantes encontros internacionais, unindo várias centenas de pessoas em lugares importantes do patrimônio industrial mundial. O TICCIH adotou em julho de 2003, em Nizhny Tagil, uma das mais antigas cidades industriais em Oural (Rússia), um conjunto de leis definindo o patrimônio industrial e seus métodos. O preâmbulo explica que “*o patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que são de valor histórico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam: prédios e máquinas, oficinas, moinhos e fábricas, minas e sítios de tratamento e refinaria, entrepostos e lojas, centro*

---

<sup>13</sup> Os três primeiros congressos (Ironbridge 1973, Bochum 1976 e Estocolmo 1978) foram organizados sob o nome de Conferência Internacional para a Conservação de Monumentos (e não do patrimônio) industrial, ressaltando a ampliação progressiva da noção de patrimônio industrial.

*de produção, de transmissão e de utilização de energia, estruturas e infra-estruturas de transporte bem como lugares utilizados por atividades sociais em relação com a indústria (habitações, lugares de culto ou de educação” (www.mnactec.cat/ticcih). A concepção do patrimônio industrial é bem mais ampla que aquela praticada no começo do movimento.*

Mais precisamente, o conjunto de leis define ainda a arqueologia industrial como o conjunto de métodos utilizados, em um quadro interdisciplinar, para o estudo do patrimônio industrial.

Enfim, o conjunto de leis delimita cronologicamente o período de estudo, de meados do século XVIII até nossos dias “*sem negligenciar suas raízes pré e proto-industriais*” (www.mnactec.cat/ticcih).

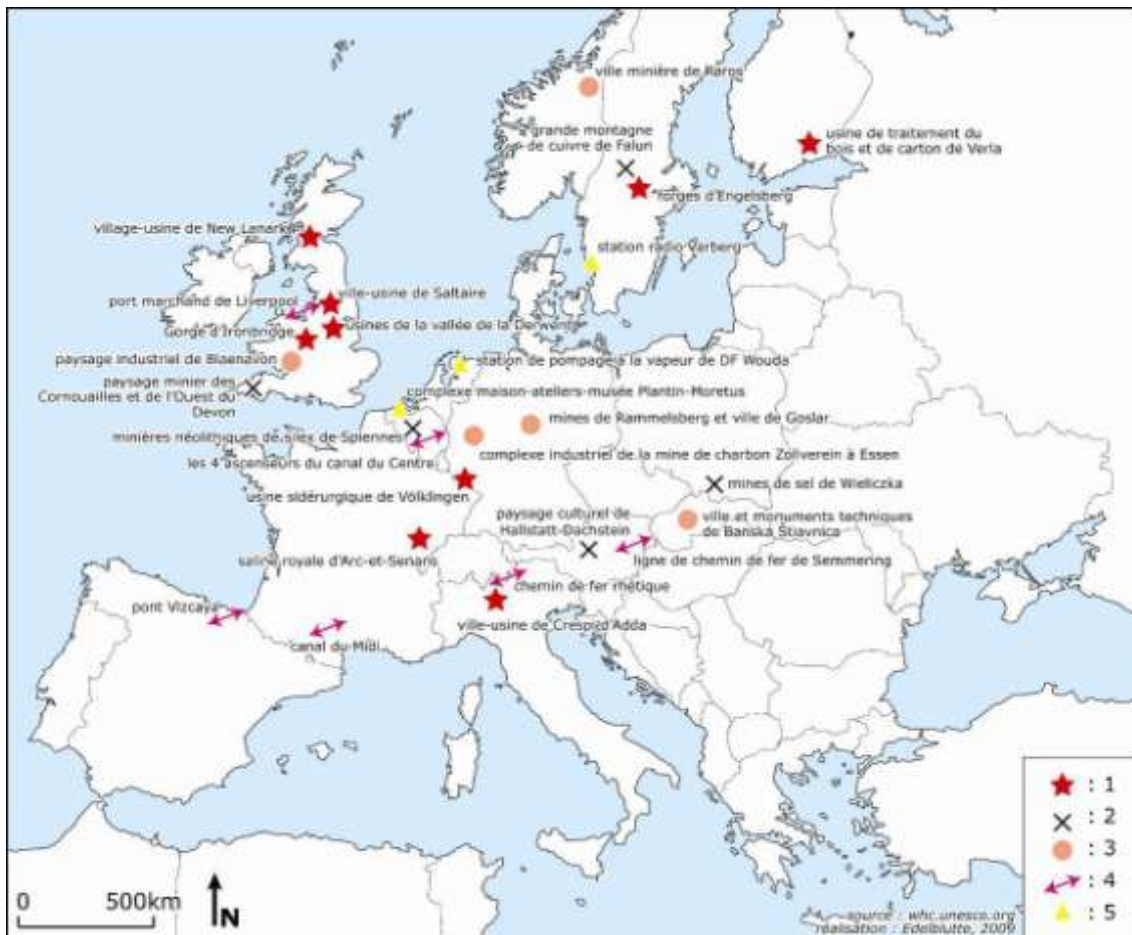
Por outro lado, o TICCIH publica desde 1999 uma revista “Patrimônio da Indústria/ Industrial Patrimony” (www.koinetwork.org) e é também conselheiro em matéria de patrimônio industrial para o ICOMOS (*The International Council on Monuments and Sites* – Conselho Nacional de Monumentos e lugares), organização não governamental fundada em 1965 e aconselhando a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) para a classificação dos lugares no patrimônio mundial.

O patrimônio industrial britânico ocupa justamente um lugar de destaque na lista do patrimônio mundial da UNESCO. Mesmo se a classificação, como a da ERIH não é exaustiva e isenta de motivações políticas mais do que culturais, ela representa um critério essencial para os lugares classificados, 39 sítios<sup>14</sup> que dizem respeito, direta ou indiretamente, ao patrimônio industrial são inscritos nesta lista e reconhecidos em nível mundial. O primeiro patrimônio: as minas de sal de Wieliczka na Polônia, protegidas como tal desde 1978; o segundo, o Ironbridge George Park, inscrito em 1986.

Certamente estes 39 lugares representam apenas 4,4% dos 878 lugares inscritos em fevereiro de 2009, mas eles estão na maioria localizados na Europa (29 em 39) e mais particularmente na Europa Norte Ocidental. Sete são no Reino Unido, o que confirma ainda o avanço e a superioridade deste país na matéria.

---

<sup>14</sup> A contagem é ampla e inclui sítios industriais mineiros, industriais e de transporte (principalmente as vias férreas e os canais). Somente 17 sítios são puramente industriais ou mineiros e industriais.



**Figura 20: Lugares industriais ou particularmente industriais do patrimônio mundial da UNESCO na Europa**

**Legenda:** 1-patrimônio industrial; 2-patrimônio de mineração; 3- patrimônio de mineração e industrial; 4-patrimônio ligado a transportes; 5-outro tipo de patrimônio ligado à indústria (artesanato, estocagem, telecomunicações, etc...)

Estes cinco lugares industriais representam um pouco mais de um quarto dos lugares britânicos inscritos na lista do patrimônio mundial. A maioria esteve, recentemente, ligada à ampliação da noção de patrimônio industrial e à criação de uma rede entre os lugares industriais próximos. É de fato difícil classificar uma única fábrica<sup>15</sup>, raramente considerada como bastante emblemática no âmbito mundial, logo um conjunto de lugares e cidades industriais possui um peso e um valor mais forte. Assim, o primeiro lugar classificado é Ironbridge, desde 1986 (trata-se, aliás, muito precocemente da criação de uma rede entre vários museus e parques, ao redor da famosa ponte), mas foi preciso esperar o século XXI para ver classificados os vastos conjuntos que são Blaenavon (2000), Derwent Valley, Saltaire, New Lanark (2001) ou ainda a paisagem mineira da Cornualha e do Devon (2006). Blaenavon e Cornualha são,

<sup>15</sup> É o caso da Alemanha, com a antiga usina siderúrgica de Völklingen (Sarre), ou ainda na França com a salina proto-industrial de Arc-et-Senans (Franche-Comté).

aliás, classificados pela UNESCO como “paisagens” integrando então esta última ampliação da noção do patrimônio na sua definição.

### **Conclusão**

O Reino Unido, precocemente industrializado e desindustrializado, após as crises dos últimos vinte e cinco anos do século XX, foi o primeiro país a ter integrado o seu componente patrimonial na reconversão de locais e territórios industriais cada vez mais vastos, do bairro ao vale, à bacia hidrográfica, passando pela cidade-fábrica. Este lugar essencial do patrimônio industrial, às vezes um pouco redundante com numerosas minas-museus por exemplo, é ainda reforçado na parte Norte da Inglaterra tanto quanto na Escócia e no País de Gales, pelo abismo ao mesmo tempo real e fantasioso existindo entre estas regiões e o grande Sudoeste da Inglaterra, ao redor de Londres.

A preservação das heranças industriais entra assim na preservação de uma identidade que se constitui em oposição ao grande Sudoeste. Esta identidade se viu prejudicada pelos interesses de Londres sob os governos conservadores de M. Thatcher e J. Major, sem que o New Labour de T. Blair invertesse ou mesmo retificasse essa tendência em sua chegada ao poder em 1997. A antiga cultura industrial está frequentemente no centro de movimentos políticos nacionalistas na Escócia e no país de Gales, ou regionalistas nas regiões do Norte da Inglaterra (Bailoni, 2007).

Alem das preservações patrimoniais e das motivações políticas, a integração do mito industrial à cultura popular é uma constante no Norte britânico, ao menos desde os anos 1980 e a crise. A estética industrial de algumas obras de arte (a estátua Angel of the North, em Gateshead no Noroeste), a multiplicação de filmes de sucesso tendo como estrutura a Inglaterra industrial em crise dos anos 1980, os shows feitos nas antigas fábricas ou refinarias são exemplos, assim como a realização de peças artísticas originais sobre o tema industrial.

Assim, o grupo pop-rock de Liverpool *Orchestral Manoeuvres in the Dark*, o cinegrafista Hambi Haralampus e o designer Peter Saville criaram uma obra sonora e visual (*The Energy Suite*) combinando imagens e sons de cinco lugares industriais (incluindo uma central nuclear) do Noroeste e apresentada à *Foundation for Art and Creative Technology de Liverpool* de dezembro de 2008 à fevereiro de 2009. Esta obra, foi também encenada em junho de 2009, em companhia do *Royal Liverpool Philharmonic Orchestra* ([www.culture24.org.uk](http://www.culture24.org.uk) e [www.ond.co.uk](http://www.ond.co.uk)), ilustra a integração plena da identidade local desta cultura industrial que se estende amplamente, além da simples lembrança de uma época gloriosa, que não mais existe.

## BIBLIOGRAPHIE

- Andrieux J.-Y. (1992). — **Le patrimoine industriel**, Que sais-je ?, n°2657, Paris, Presses Universitaires de France, 127 p.
- Bailoni M. (2007). — **La question régionale en Angleterre. Nouvelles approches politiques du territoire anglais**, Thèse de Doctorat, Université Paris 8, 560 p.
- Bailoni M. (2009). — « Quelle place pour le patrimoine dans le renouveau d'une région postindustrielle ? Le cas du Nord-Est anglais », **Revue Géographique de l'Est**, 1-2/2008, www.revues.org.
- Belhoste J.-F., Smith P. – Dir. (1997). — **Patrimoine industriel, 50 sites en France**, Paris, Éditions du patrimoine, 128 p.
- Bergeron L., Dorel-Ferré G. (1996). — **Le patrimoine industriel, un nouveau territoire**, Paris, Liris, 127 p.
- Buchanan R. A. (1972). — **Industrial Archaeology in Britain**, Harmondsworth, Pelican, 444 p.
- Burgel G. (2001). — « Mémoire de la ville et recomposition urbaine ». In : Loyer F. – dir., **Ville d'hier, ville d'aujourd'hui**, Paris, Fayard – Éditions du Patrimoine, p. 95-104.
- Cartier C. (2003). — **L'héritage industriel, un patrimoine**, Besançon, CRDP de Franche-Comté, 195 p.
- Casella E., Symonds J. (2005). — **Industrial archeology, future directions**, New York, Springer, 321 p.
- Chaline C. (1999). — **La régénération urbaine**, Paris, Presses Universitaires de France, coll. Que sais-je ?, 127 p.
- Chassagne S. (2002). — « L'élargissement d'un concept : de l'archéologie (industrielle) au patrimoine (industriel) », **Le Mouvement Social**, n°200, p. 7-9.
- Choay F., Merlin P. (2005). — **Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement**, Paris, Presses Universitaires de France, 964 p.
- Cossons N. (1975). — **The BP book of industrial archeology**, Newton Abbot, David & Charles, 496 p.
- Cossons N. – éd. (2000). — **Perspectives on industrial archeology**, Londres, Science Museum, 176 p.
- Cullingworth B., Nadin V. (2006). — **Town and country planning in the UK**, 14ème édition, Londres, Routledge, 587 p.
- Dumas M. (1980). — **L'archéologie industrielle en France**, Paris, Robert Laffont, 463 p.
- De Roux E. (2000). — **Patrimoine industriel**, Éditions du patrimoine et éditions Scala, 271 p.
- Deshaies M. (2007). — **Les territoires miniers. Exploitation et reconquête**, Paris, Ellipses, 224 p.
- Edelblutte S. (2009). — « Que sont devenues les villes-usines ? Réflexion à partir du cas lorrain ». In : Vallat C. – Dir., **Pérennité urbaine ou la ville par-delà ses métamorphoses. Volume 3 – Essence**, Paris, L'Harmattan, p. 137-153.



- Edelblutte S. (2008). — « Que reste-t-il du textile vosgien ? », **L'Information géographique**, n°2/72, p. 66-88.
- Edelblutte S. (à paraître fin 2009). — **Paysages et territoires de l'industrie en Europe : héritages et renouveau**, Paris, Ellipses.
- Falconer K. (1980). — **Guide to England's Industrial Heritage**, Londres, Batsford, 270 p.
- Falconer K. (2006). — « The industrial heritage in Britain – the first fifty years », **La revue pour l'histoire du CNRS**, n°14, 11 p., <http://histoire-cnrs.revues.org/document1778.html>, 5 juillet 2009.
- Hudson K. (1963). — **Industrial archeology: an introduction**, Londres, J. Baker, 179 p.
- Hudson K. (1971). — **A Guide to the Industrial Archaeology of Europe**, Bath, Adams& Dart, 186 p.
- Leboutte R. (1997). — **Vie et mort des bassins industriels en Europe ; 1750-2000**, Paris, L'Harmattan, 591 p.
- Lévy J., Lussault M. (2003). — **Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés**, Paris, Belin, 1033 p.
- Nenadic S. (2002). — « Historiens et patrimoine en Grande-Bretagne », **Le Mouvement Social**, n°200, p. 116-122.
- Palmer M., Neaverson P. (1998). — **Industrial archeology, principles and practice**, Londres, Routledge, 180 p.
- Stratton M. (2000). — **Industrial buildings, conservation and regeneration**, Londres, Spon, 256 p.
- Veschambre V. (2005). — « Le recyclage urbain, entre démolition et patrimonialisation : enjeux d'appropriation symbolique de l'espace. Réflexions à partir de quatre villes de l'Ouest », **Norois**, n°2, p. 79-92.

### **SITES CONSULTADOS ENTRE JULHO DE 2008 A JUNHO DE 2009:**

- www.unesco.org : site do patrimônio mundial da UNESCO
- www.culture24.org.uk : site de promoção da cultura no Reino Unido
- www.erih.net : site da Rota Européia do Patrimônio Industrial – *European Route of Industrial Heritage*, redes de sites do patrimônio industrial europeu
- www.erih.net : site da Rota Européia do Patrimônio Industrial – *European Route of Industrial Heritage*, redes de sites do patrimônio industrial europeu
- www.industrial-archaeology.org.uk : site da *The Association for Industrial Archaeology*, organism britânico dedicado a preservação do patrimônio industrial nacional
- www.ironbridge.org.uk : site oficial da *Ironbridge Gorge Park*
- www.koinetwork.org : site de um Grupo europeu de interesse econômico, agência para a internacionalização de culturas e de empresas, criada em 2002
- www.mnactec.cat/ticcih : site oficial do TICCIH, **The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage** – Conselho internacional para a preservação do patrimônio

industrial

[www.ond.co.uk](http://www.ond.co.uk) : site oficial do grupo de pop-rock **Orchestral Manoeuvres in the Dark**

[www.tourismtrade.org.uk](http://www.tourismtrade.org.uk) : site do **VisitBritain**, organismo de promoção do turismo no Reino Unido

### **SITES INTERNET CONSULTÉS ENTRE JUILLET 2008 ET JUIN 2009**

- [whc.unesco.org](http://whc.unesco.org) : site du patrimoine mondial de l'UNESCO
- [www.culture24.org.uk](http://www.culture24.org.uk) : site de promotion de la culture au Royaume-Uni
- [www.erih.net](http://www.erih.net) : site de la Route Européenne du Patrimoine Industriel – *European Route of Industrial Heritage*, réseau de sites du patrimoine industriel européen
- [www.erih.net](http://www.erih.net) : site de la Route Européenne du Patrimoine Industriel – *European Route of Industrial Heritage*, réseau de sites du patrimoine industriel européen
- [www.industrial-archaeology.org.uk](http://www.industrial-archaeology.org.uk) : site de *The Association for Industrial Archaeology*, organisme britannique consacré à la préservation du patrimoine industriel national
- [www.ironbridge.org.uk](http://www.ironbridge.org.uk) : site officiel de l'*Ironbridge Gorge Park*
- [www.koinetwork.org](http://www.koinetwork.org) : site d'un Groupement européen d'intérêt économique, agence pour l'internationalisation des cultures et des entreprises, créée en 2002
- [www.mnactec.cat/ticcih](http://www.mnactec.cat/ticcih) : site officiel du TICCIH, *The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage* – Conseil international pour la préservation du patrimoine industriel
- [www.ond.co.uk](http://www.ond.co.uk) : site officiel du groupe pop-rock *Orchestral Manoeuvres in the Dark*
- [www.tourismtrade.org.uk](http://www.tourismtrade.org.uk) : site de *VisitBritain*, organisme officiel de promotion du tourisme au Royaume-Uni